



Coleção
Raízes do Futuro

13

COMUNIDADE QUILOMBOLA FIDALGO

ACAIACA - MG

História • Território • Economia e Sociedade



CRÉDITOS

Autoras (Comunidade)

Ana Paula Cupertino Lui, Andréia Gonçalves da Cruz,
Maria Adriana de Oliveira da Cruz, Maria José Martins.

Equipe do Projeto Raízes do Futuro

Alice Capanema, Frederico Augusto Alves Gonçalves,
Jorge Andrade, Leda Maria Benevello de Castro, Marina Fares
Ferreira, Regina Campos, Ricardo Ferreira Ribeiro,
Rosana Cristina Avelar.

Equipe de edição

Fotos e Mapas - Acervos Cedefes e Comunidade
Projeto Gráfico e diagramação - Derval Braga e Juliana Vaz

Diretoria do Cedefes

Alenice Maria Motta Baeta - *Presidenta*
Luci Rodrigues Espechit - *Tesoureira*
Maria Elisabete Gontijo dos Santos - *Secretária*

Impressão

Imagem Editora Gráfica
2025 - 150 exemplares

Belo Horizonte (MG), dezembro 2025

Apoio



PROJETO RAÍZES DO FUTURO

O Projeto Raízes do Futuro trabalha e valoriza a presença viva das tradições nas comunidades quilombolas de três regiões vizinhas de Minas Gerais — Alto Paraopeba, Vale do Piranga e Campo das Vertentes/Zona da Mata —, buscando, a partir desse patrimônio cultural, construir caminhos para um futuro melhor.

Cada comunidade participante indicou três representantes para integrar um ciclo de dez encontros, realizados aos finais de semana, com intervalos aproximados de 45 dias entre cada um. As reuniões aconteciam sempre nas próprias comunidades. Em cada encontro, eram apresentadas duas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que os representantes aplicavam em suas comunidades, trazendo os resultados para compartilhar no encontro seguinte.

Essas metodologias permitiram que cada grupo refletisse sobre sua história, território, recursos naturais, modos de subsistência, produção, consumo, relações internas e externas, além da organização das atividades econômicas e socioculturais ao longo do ano.

Os encontros foram concebidos como espaços de aprendizado coletivo e troca de experiências. Além das atividades formativas, aos sábados eram promovidas as Noites Culturais, organizadas pelas próprias comunidades, fortalecendo a identidade e o convívio comunitário.

No entanto, os objetivos do projeto iam além do diagnóstico. Buscava estimular ações concretas capazes de contribuir para a transformação da realidade local. Como resultado desse trabalho, várias comunidades iniciaram o processo de certificação quilombola junto à Fundação Cultural Palmares, enquanto algumas focaram na organização institucional interna e outras na articulação junto ao poder público, reivindicando melhorias na infraestrutura local.

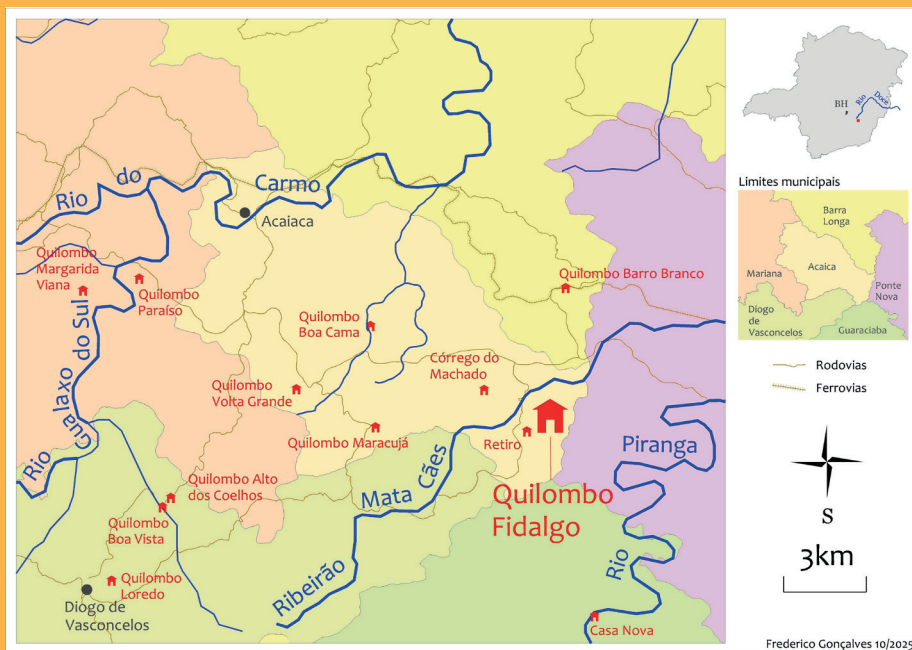
Este livreto integra a Coleção Raízes do Futuro e foi escrito pelos representantes quilombolas participantes do projeto, a partir das pesquisas que realizaram com base nas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo.

COMUNIDADE QUILOMBOLA FIDALGO

ACAIAÇA - MG

Localização da Comunidade

A comunidade de Fidalgo está localizada a 25 km da sede do município de Acaiaca, na Zona da Mata, Minas Gerais. Atualmente, a comunidade é composta por 18 famílias.



História

A origem de Fidalgo está nas famílias do Senhor Alevino e Dona Leonilda, João Arbano e Dona Maria das Dores, Antônio Martins e Dona Efigênia, Joaquim Luiz (Quimquim) e Maria Gonçalves, e na de Neco Alves e Inácia. Essas famílias, em sua maioria composta por migrantes de outras regiões, como da cidade de Rio Espera, fixaram-se em Fidalgo em condições difíceis. Muitas sobreviveram cortando lenha a machado, plantando cultura de subsistência, trocando o dia de serviço por alimento ou trabalhando com engenhoca de moer cana.

Senhor Alevino foi casado com Dona Leonilda, que nasceu na zona rural de Carrapato, na comunidade Maracujá, e juntos eles tiveram quatro filhos. O casal comprou um pedaço de terra no Fidalgo, onde trabalhavam na lavoura, com plantação, corte de lenha e outros serviços. Com o tempo, ficaram doentes e acabaram falecendo. Outro morador importante foi João Arbano, casado com Maria das Dores. Ele veio de fora, da cidade de Rio Espera, e comprou um pedaço de terra no Fidalgo. Não tiveram filhos biológicos, mas adotaram um casal. João Arbano trabalhava com capina, picação de lenha e outros serviços na roça. Mais tarde, adoeceu e veio a falecer. Já Joaquim Luiz, conhecido como Quimquim, era casado com Maria Gonçalves e merece destaque também. Os dois tiveram dez filhos, alguns moram no Fidalgo, outros na comunidade de Retiro e outros ainda na cidade de São Paulo. Ele trabalhava na lavoura, em fazendas e em vários serviços de roça. Faleceu aos 35 anos.

Antônio Martins, casado com Dona Efigênia, também comprou terra no Fidalgo. Trabalhava na lavoura e prestava serviços para fazendeiros. Tiveram doze filhos, que criaram com muito sacrifício e sofrimento, passando por muitas necessidades. Deixaram um pedaço de terra para os filhos. A mais velha, Maria Romualda Gonçalves, faleceu com 105 anos. Era uma

mulher muito trabalhadora, cortava lenha, trocava serviços, trabalhava com fazendeiros e tinha um casal de filhos. Gostava de fartura, criava vários animais, como porcos e galinhas, para o consumo. Seus pais confiavam muito nela e sempre a deixavam à frente de tudo. Foi uma mulher guerreira, que ajudou sua filha, que teve 11 filhos. Já o outro filho foi embora e nunca mais voltou, e Maria Romualda sofreu. Com o tempo, adoeceu, a idade avançou e ela veio a óbito.



■ Moradora do Fidalgo Maria Romualda Gonçalves, que faleceu com 105 anos.

O nome Fidalgo surgiu por causa de um boi muito manso que pertencia a Dona Ana. Sempre que precisava do animal para o trabalho, ela pedia aos empregados que fossem buscá-lo e chamassem pelo nome: “Fidalgo!”. As pessoas que ouviam associavam o chamado ao lugar, e assim a comunidade acabou recebendo o nome de Fidalgo, em homenagem ao boi de estimação.

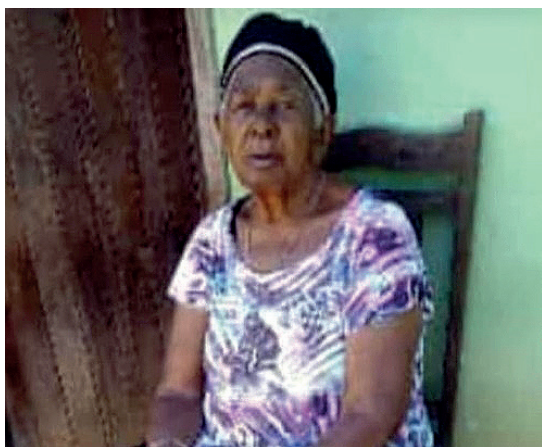
Na comunidade, antigamente, as casas eram feitas de pau a pique e todos viviam da lavoura, plantando no próprio quintal e prestando serviços para os fazendeiros. As fazendas da região eram de Sacundino, José Goulart e Joaquim (Quincota), que moravam na comunidade de Matacães. O trabalho era pesado, como cortar lenha, rasgar brejo, plantar e outros serviços. Para comprar o que não produziam, como banha, sal, açúcar e querosene, os moradores tinham que ir a pé até a cidade. Naquele tempo, não existia forno. As pessoas empilhavam lenha e cobriam com barro, em forma de comueira, parecida com uma oca, para queimar depois de três dias.

As relações entre patrões e empregados eram boas, dizem que os patrões tratavam bem os trabalhadores. As ocupações de antigamente eram simples: amolar e encabar enxada, socar arroz para o dia seguinte, moer cana, sempre adiantando o serviço de casa para poder ir trabalhar no outro dia, e assim era todos os dias.

Sobre como a comunidade era antigamente, é importante destacar as memórias de Noezia Gonçalves Margarida. Segundo a moradora, que faleceu em 1 de setembro de 2025, a diversão vinha da sanfona, do pandeiro, do violão, do cavaquinho e das cantorias. Bebia-se para ficar alegre e dançava-se para esquecer as coisas ruins. Os casamentos eram comemorados nas casas, em seus terreiros. Usavam mesas de madeira e de bambu. Os enfeites eram arcos de bambu, a toalha da mesa era feita de folhas de bananeira e sua amarração com sapé. Para cozinhar, faziam trempe de cupim, pegavam vasilhas emprestadas e buscavam água na mina, em lata, cabaça ou tambor. No tempo da chuva, tudo ficava mais difícil. As poucas roupas eram secas no calor do fogão. O banho era na gamela; quando havia muitos filhos, todos se banhavam na mesma água. O banheiro era um buraco, chamado fossa, cercado de bambu e barro. Quem não tinha condições de fazer fossa usava o quintal.



■ Noezia Gonçalves Margarida, falecida aos 94 anos.



■ Francisca Nicolau Acácio, falecida aos 74 anos.

Lembranças de outros moradores remetem à primeira metade do século XX, onde os estudos das crianças aconteciam em uma parte da fazenda, em uma sala chamada “salão de escola”. Era um espaço simples, com algumas cadeiras, e as professoras, que estudavam até o quarto ano, já eram consideradas formadas para ensinar.

Os moradores recordam que a professora era muito rígida, ensinava mais com a vara na mão do que com a caneta,

batia e xingava bastante os alunos. Estes, por sua vez, eram muito simples e frequentavam a escola como podiam. Quem tinha um pouco mais de conforto levava tinteiro e pena para escrever. Muitos iam a cavalo, outros a pé; alguns descalços, enquanto os que podiam calçar usavam alpargatas de sola de piteira e lona, que não podiam molhar porque a água estragava o solado trançado.

A vida era muito difícil, marcada pela simplicidade e pela fome, e, muitas vezes, o estudo ficava em segundo plano. Não havia banheiro, então os alunos faziam suas necessidades no mato, e o caminho até a escola era apenas um trilho. As roupas eram poucas e tinham que servir de segunda a domingo.

O Natal era uma das datas mais marcantes, quando podiam comer uma comida melhor e mais apetitosa. Na Quaresma, ninguém comia carne, tudo era preparado antes para respeitar esse tempo. Na Semana Santa, tampavam os quadros dos santos, porque tinham muito respeito por essa tradição. A comunidade contava com benzedadeiras, e as práticas de cura popular eram comuns.

Diversos acontecimentos marcaram o desenvolvimento da comunidade. Em 1976, foi realizada a festa das crianças em homenagem a Nossa Senhora Aparecida, que reuniu todos em celebração e solidariedade. Em 1998, a chegada da energia elétrica mudou bastante as condições de vida. Em 2003, as vias da comunidade foram asfaltadas e calçadas, melhorando o acesso. Em 2007, o vereador Elizeiver doou um terreno para a construção de um parquinho infantil, com brinquedos doados por Neném, filho do senhor Tito Bem. Entre 2009 e 2010, a comunidade foi oficialmente reconhecida como um território tradicional, após visitas de um antropólogo e do padre João. Em 2019, recebeu as Caravanas Quilombolas, fortalecendo ainda mais sua identidade cultural. Em 2021, foi o início do projeto Água Limpa, preservando as nascentes e construindo fossas biodigestoras.



- Mapa simbólico da Comunidade Fidalgo, atividade apresentada no projeto Raízes do Futuro.

Hoje em dia, o Fidalgo conta com 22 casas. Muitos moradores trabalham tanto dentro quanto fora da comunidade, principalmente em serviços braçais, como de pedreiro. Os antigos trabalhavam em áreas planas e também nos morros, onde a terra era boa e fértil. Nessas terras, faziam plantações de cana, milho, mandioca, arroz, inhame e outros alimentos. Por ser uma comunidade pequena, as plantações eram feitas principalmente no próprio quintal, para uso próprio, utilizando a matéria-prima natural, como o esterco, para adubar a terra. Quando as plantações eram maiores, como de milho e feijão, eram feitas para os fazendeiros. A água que a comunidade utilizava antigamente vinha das nascentes, que até hoje estão preservadas. Atualmente, usam mais o poço artesiano, mas ainda cuidam das nascentes como forma de manter a tradição e a preservação da natureza.

O território de Fidalgo é composto por um núcleo de casas agrupadas, além de outras moradias distribuídas de forma mais espaçada. A vegetação verde envolve toda a comunidade. Suas ruas são pavimentadas com bloquetes e o local não conta com igreja ou comércio.



■ Vista da comunidade de Fidalgo - 2025.

A economia da comunidade funciona de forma simples, baseada no que é preciso comprar e no que se consegue produzir e comercializar. Entre as entradas estão os alimentos, roupas, medicamentos, materiais de construção, ferramentas, produtos de limpeza, gás, gasolina, mudas, cachaça e também serviços como mão de obra, internet e vendedores que chegam até o local.

Já nas saídas, a comunidade produz e comercializa esculturas de madeira, mão de obra, mel, aves, ovos, queijos, leite e até serviços de estética.



■ Apresentação da atividade Diagrama de Fluxo realizada no Projeto Raízes do Futuro, em novembro de 2024.

Economia e Sociedade

Cada família da comunidade de Fidalgo possui sua própria moradia, bem mais confortável do que antigamente, quando havia poucas casas feitas de sapé, choças ou de pau a pique, muito simples e precárias. Atualmente, a comunidade tem água encanada, enquanto antes era preciso buscá-la na mina

com latas. Muitos também contam com fossa biodigestora, em substituição às antigas privadas. Há ainda energia elétrica, diferente do passado, quando a iluminação chegava apenas por lamparinas e querosene.

A comunidade cresceu bastante e passou por muitas mudanças. Antigamente, a catequese era realizada por Dona Maria de Julião, e hoje é feita na igreja.

A dinâmica da comunidade reúne as colheitas e celebrações ao longo do ano: em janeiro, há alface, tomate, melancia, batata-doce, mandioca, couve, banana, figo e abacaxi. Em fevereiro, aparecem a colheita de quiabo, a abóbora e a cenoura. Em março, destacam-se a banana, as hortaliças, a manga, plantação de feijão, além da celebração da Quarta-feira de Cinzas durante a Semana Santa e a comemoração do Mês da Mulher.

Já no mês de abril traz a Páscoa, Tiradentes e Santo Expedito, junto com a colheita de banana, couve, caqui, laranja e mexerica. Em maio, há hortaliças e batata-doce, além das comemorações do Dia das Mães e do Dia do Trabalhador, com início da colheita de café. Em junho, aparecem laranja, banana, couve e café, junto com as festas juninas. Julho é marcado por mexerica, pera, couve, mandioca, férias escolares, café e as festas de São João.

Agosto traz a comemoração do Dia dos Pais, além da colheita de mandioca, banana, mamão, maracujá, batata-doce e inhame. Em setembro, há mamão, banana, couve, pepino e ameixa, junto ao feriado de 7 de setembro e ao Dia de São Vicente. Outubro é o mês das Crianças, com a celebração de Nossa Senhora Aparecida, Dia do Professor e plantação de milho, além de abóbora e tomate. Em novembro, há o Dia da Consciência Negra e a Proclamação da República. Dezembro é marcado pelas chuvas, férias escolares, o Natal e as colheitas de ameixa, melancia, couve, cebola e banana.



■ Comemoração do natal na comunidade no ano de 2005.

A comunidade tem se mobilizado para discutir melhorias locais e para fortalecer sua organização. Entre as pautas, destaca-se a discussão de autodefinição como comunidade quilombola, um passo importante para o reconhecimento da história, da ancestralidade e dos direitos do grupo. Essas conversas também envolvem temas como valorização cultural e acesso a políticas públicas, reafirmando a identidade coletiva e o compromisso com a continuidade das lutas históricas.

No dia 21 de setembro de 2025, a comunidade Fidalgo reuniu-se em assembleia para autodefinição como remanescentes de quilombos. O momento foi registrado em ata, assinada pelos presentes, e compõe o processo que foi enviado à Fundação Cultural Palmares para requererem a certificação enquanto comunidade quilombola.■



■ Assembleia de autodefinição da Comunidade Quilombola de Fidalgo, no dia 21 de setembro de 2025.

CEDEFES 40 anos de História

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES é uma entidade privada, sem fins lucrativos, de âmbito estadual, fundada em 1985 por um grupo de professores, sindicalistas e religiosos. O nome é uma homenagem a Eloy Ferreira da Silva, trabalhador do campo e sindicalista no município de São Francisco, Minas Gerais, assassinado por grileiros em 16 de dezembro de 1984.

O objetivo do CEDEFES é promover a informação e educação popular, documentar, arquivar, assessorar, elaborar projetos, pesquisar e publicar obras de interesse dos povos tradicionais e dos movimentos sociais, fortalecendo as suas lutas, organização, articulação e conquista de direitos.

Suas atividades são mantidas, essencialmente, pelo trabalho voluntário dos sócios e colaboradores e uma parceria consolidada ao longo de vinte e dois anos com a entidade de cooperação internacional alemã Misereor e com o KMB, da Áustria.

A entidade tem o apoio também das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, que abrigam a organização há 17 anos, e dos irmãos Maristas e Franciscanos, que ajudam em situações específicas. Além disso, desenvolve projetos relevantes em parceria com Ministério Público de Minas Gerais.

No ano 2000, durante o Seminário “500 Anos de Resistência Negra no Brasil: os Remanescentes de Quilombo e Outras Experiências”, representantes de movimentos negros de Minas Gerais pediram para o CEDEFES atuar junto às comunidades quilombolas do Estado.

Desde então, entre 2003 e 2022, o CEDEFES conduziu sete projetos de apoio às comunidades quilombolas, em várias regiões de Minas Gerais. Seguindo essa caminhada, em 2023, teve início o projeto “Raízes do Futuro”, o oitavo projeto quilombola fruto da parceria CEDEFES / MISEREOR / KMB. Esta coleção de livretos é um dos resultados deste projeto.

